

## **DISCUSSÕES ENTRELAÇADAS: A SEXUALIDADE E A (DES)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E EXPRESSÃO DE GÊNERO**

### ***DEBATES ENTRELAZADOS: SEXUALIDADE Y (UN) CONSTRUCCIÓN DE IDENTIDADE Y EXPRESIÓN DE GÉNERO***

### ***INTERTWINED DISCUSSION: SEXUALITY AND (DE)CONSTRUCTION OF GENDER IDENTIFY AND EXPRESSION***

Lais Oliva DONIDA<sup>1</sup>  
Sandra POTTMEIER<sup>2</sup>

**RESUMO:** De cunho teórico-crítico, este trabalho busca discutir a construção dos papéis de gênero na sociedade a partir da inter/transdisciplinaridade entre o conteúdo veiculado pelo filme “Eu não sou um homem fácil” de Eleonore Pourriat e os pressupostos sociológicos dos estudos de Pierre Bourdieu evidenciados no livro “A Dominação Masculina”. A tessitura do texto volta-se a uma apresentação ao leitor sobre conceitos de “sexo”, “sexualidade” e “identidade/expressão de gênero”. As discussões conduzem para análises que revelam que há mecanismos de reprodução social que pouco são percebidas pelos dominados, inclusive pela mídia, ao se observar que as descrições das sinopses dos filmes revelam indícios de manutenção da dominação masculina. Por fim, ressalta-se que as narrativas fílmicas se mostram de grande valia ao interligarem campos do saber humano e permitirem discussões inter/transdisciplinares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Mídia. Sexualidade. Saúde. Sociedade.

**RESUMEN:** Desde una teórico-crítica, este artículo discute la construcción de roles de género en la sociedad a partir de la interdisciplinariedad entre el contenido transmitido por la película de Eleonore Pourriat "No soy un hombre fácil" y los supuestos sociológicos de los estudios de Pierre Bourdieu evidenciado en el libro "Dominación masculina". Las texturas del texto se convierten en una presentación para el lector sobre los conceptos de "sexo", "sexualidad" e "identidad/expresión de género". Las discusiones conducen a análisis que revelan que existen mecanismos de reproducción social que son poco percibidos por los dominados, incluidos los medios, cuando se observa que las descripciones de las sinopsis de las películas revelan signos de mantener la dominación masculina. Finalmente, es digno de mención que las narraciones cinematográficas son de gran valor en la interconexión de campos del conocimiento humano y permiten discusiones inter/transdisciplinarias.

**PALABRAS CLAVE:** Género. Medios de comunicación. Sexualidad. Salud. Sociedad.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC – Brasil. Fonoaudióloga, mestre e doutoranda em Linguística pela UFSC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3508-7030>. E-mail: lais.donida@gmail.com.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC – Brasil. Docente da Educação Básica, mestre em Educação e doutoranda em Linguística pela UFSC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7328-8656>. E-mail: pottmeyer@gmail.com.

**ABSTRACT:** *From a theoretical-critical perspective, this paper discusses the construction of gender roles in society from the inter/transdisciplinarity between the content conveyed by Eleonore Pourriat's film "I am not an easy man" and the sociological assumptions of Pierre Bourdieu's studies, evidenced in the book "Masculine Domination". The textures of the text turn to a presentation to the reader about concepts of "sex", "sexuality" and "gender identity/expression". The discussions lead to analyzes that reveal that there are mechanisms of social reproduction that are little perceived by the dominated, including the media, when it is observed that the descriptions of the synopses of the films reveal signs of maintenance of male domination. Finally, it is noteworthy that film narratives are of great value in interconnecting fields of human knowledge and allowing inter/transdisciplinary discussions.*

**KEYWORDS:** *Genre. Media. Sexuality. Health. Society.*

## Introdução

O presente trabalho emerge de leituras e discussões realizadas no curso de Especialização de Educação Inclusiva da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) no decorrer dos anos de 2018 e 2019.

Embora muito já se tenha avançado nas discussões em torno dos temas "sexo", "identidade/expressão de gênero" e "sexualidade", muitos tabus ainda estão presentes na sociedade. Isso porque vários fatores contribuíram e contribuem para a manutenção de estereótipos e preconceitos acerca desses assuntos. Os adjetivos incorporados aos discursos que se circunscrevem às palavras "sexo", "gênero" e "sexualidade" perpassam acepções de teor religioso, político, midiático, literário e, ainda hoje, são reproduzidos em diversos campos do saber, inclusive naqueles que se ocupam do cuidado humano, como em áreas da saúde e da educação (MELO *et al.*, 2011).

Ao se tratar dessa temática, a inter/transdisciplinaridade de diversas áreas do saber se entrecruzam. Dessa forma, as pesquisas envolvem campos de produção de conhecimento diversos (BOURDIEU, 2017): educação, saúde, estudos sociais e, também, cinema. Cada um expressa, a partir das especificidades de seu campo, os conhecimentos lapidados para uma sociedade que os recebe e os (re)significa. A partir disso, o objetivo deste trabalho é apresentar ao leitor uma discussão acerca da sexualidade e da (des)construção da identidade e da expressão de gênero em nossa sociedade, tendo em vista o entrelaçamento entre os pressupostos dos estudos sociológicos de Pierre Bourdieu, especificamente em sua obra "A Dominação Masculina" e o filme "Eu não sou um homem fácil", de Eleonore Pourriat.

## Ponderações conceituais

Pode-se conceituar “sexo” como “a caracterização biológica, hereditária, que diferencia fisicamente o homem e a mulher” (MELO *et al.*, 2011, p. 28).

Já a sexualidade é um termo que surgiu no século XIX, ampliando o conceito de sexo, incorporando a reflexão e o discurso sobre o seu sentido e a sua intencionalidade. [...] Pode ser entendida, atualmente, como uma inseparável e fundamental dimensão humana, como a própria vida, englobando sentimentos, relacionamentos, sensualidade, prazer, erotismo, direitos, deveres, sexo, enfim o ser humano em sua plenitude, em sua totalidade (MELO *et al.*, 2011, p. 28).

Ou seja, a sexualidade não pode ser reduzida em termos de “sexo”, embora o englobe, já que ela compreende aspectos que ultrapassam uma mera descrição biológica. Para além disso, conforme pontua Tilio (2014, p. 139),

[...] há necessidade, por parte dos indivíduos, de um efeito identificatório masculino ou feminino que deve ser constantemente reforçado por ações e representações que reposicionam e reafirmam a identidade de gênero. Como o gênero seria um exercício de repetição, ele define o sexo, não havendo necessariamente nem unidade nem adequação entre identidade subjetiva e materialidade anatômica – assim, gênero não é substância, é efeito de performatividade. O gênero e o sexo são, portanto, efeitos, e não os fundamentos da sexualidade. O sujeito e seu gênero é o resultado dos atos performáticos tanto de nomeação (“sou homem, sou mulher”) como de comportamentos (“um homem age dessa maneira, uma mulher age de outra maneira”) que ajudam a estabilizar provisoriamente a identificação com um ou outro sexo, criando uma ilusão de unidade e estabilidade entre corpo, desejo, sexualidade, orientação sexual e práticas sexuadas. Tudo isso porque, conceitualmente, a sexualidade e o gênero antecedem o sexo e instituem a diferença sexual (proposição de Foucault): a identificação sexual ou de gênero é somente uma resolução temporária do desejo, sendo possível haver identificações múltiplas e ou mutáveis.

Assim, “o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (LOURO, 1997, p. 22). O gênero pode ser expresso pelo sujeito, assim como ele pode ser experienciado como uma identidade e,

ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o (LOURO, 1997, p. 25).

É importante, portanto, notar as posições e os papéis sociais dos indivíduos, bem como a relação com o tempo, a história, aspectos socioeconômicos e culturais que revelam os discursos sobre a temática. Diferentes agentes sociais discursivizam sobre sexo, gênero e

sexualidade de diferentes maneiras a depender do lugar social em que se encontram, da posição social que ocupam, das características culturais a que se identificam, das influências datadas pelas mudanças históricas e sociais vivenciadas etc.

Tendo em vista esses aspectos, a Associação Mundial para a Saúde Sexual (WAS, 2014, s/p), reafirma “que a orientação sexual, identidade de gênero, expressões de gênero e características físicas de cada indivíduo requerem a proteção dos direitos humanos” e “RECONHECE que todos os tipos de violência, perseguição, discriminação, exclusão e estigma, são violações dos direitos humanos e afetam o bem estar do indivíduo, famílias e comunidades” (WAS, 2014, s/p).

Percebe-se aqui a importância da inter/transdisciplinaridade entre saúde, educação e estudos sociais para a promoção e a proteção dos direitos individuais e coletivos<sup>3</sup>. Isso porque há grupos sociais que, pelas suas condições históricas e sociais de segregação/marginalização/exclusão, encontram ainda dificuldades em apresentar discussões sobre sexo, gênero, sexualidade e sobre a dominação masculina e a violência simbólica<sup>4</sup> exercida.

Assim, mulheres, pessoas com deficiência, mulheres e homens não heteronormativos, negros e pobres se tornam grupos sociais invisibilizados e oprimidos. Transgredir e desvelar discursos marginalizadores, homogeneizantes e docilizadores, carregados de preconceitos, ainda se configura como um desafio para incluir, respeitar e compreender as nuances das mudanças sociais (ou conservação) que estão em voga (MELO *et al.*, 2011).

A mídia, por sua vez, é um artefato culturalmente desenvolvido como ferramenta<sup>5</sup> que permite ultrapassar a barreira tempo-espço, transpor compreensões de mundo intergeracionais e instrumentalizar a sociedade (BALLA, 2016). Ela é representada socialmente como uma produção de experiências sensoriais, físico e químicas. Ou seja, desde os primórdios das invenções chinesas das apresentações com sombras, a fotografia, as películas, os filmes, a televisão, a internet (OLIVEIRA; OLIVEIRA; IGUMA, 2007), se tornou possível perceber as mudanças e as nuances presentes nas relações humanas ao longo do tempo representadas por meio dos artefatos culturais midiáticos. Segundo Oliveira, Oliveira e Iguma (2007, p. 158):

<sup>3</sup> Para maiores aprofundamentos, sugere-se a leitura da “Declaração Universal dos Direitos Humanos” (UNESCO, 2009). Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2019.

<sup>4</sup> Para Bourdieu (2017, p. 8-9), a violência simbólica é aquela “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”.

<sup>5</sup> Para maiores aprofundamentos, sugere-se a leitura do texto “Estudos culturais, educação e pedagogia” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03>. Acesso em: 10 nov. 2019.

Na indústria cultural os meios de comunicação (rádio, televisão, jornal e cinema) ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, fornecendo materiais com os quais as pessoas forjam suas identidades. Sistemas e valores são construídos a partir de símbolos e mitos [...]. As realidades intermediadas pela mídia, antes de constituírem o imaginário coletivo, passam pelo imaginário individual onde são negociadas. [...] Por intermédio dos filmes obtemos informações para compreender e explicar o mundo, o processo de viver humano, a nós mesmos, ao outro, e, ao mesmo tempo, estabelecer relações de identidade e pertencimento entre estes elementos. Os filmes são uma fonte importante de conhecimento da realidade, porque de algum modo se propõem a “reconstruir” essa realidade – de modo realista, naturalista, surrealista, alienante, engajado.

Embora as discussões acerca do papel da mídia nas relações humanas estejam mais evidentes quando relacionadas aos trabalhos em educação e produção de audiovisuais, ela também é um importante instrumento na área da saúde. As narrativas fílmicas, por exemplo, permitem que diferentes saberes sejam interligados, contextualizados e divulgados na comunidade, além de oferecer a possibilidade da interdisciplinaridade durante a formação de profissionais da saúde, de modo que sejam capazes de articular conhecimentos próprios de sua área com outras disciplinas (OLIVEIRA; OLIVEIRA; IGUMA, 2007).

### **Entrelaçamentos: o papel da mídia na sociedade**

Neste tópico se busca analisar, a partir de uma abordagem teórico-crítica, a (des)construção de identidade e de expressão de gênero na sociedade a partir do filme “Eu não sou um homem fácil” e do livro “A Dominação Masculina”. Ressalta-se, contudo, que não se espera aprofundar as discussões acerca de temas polêmicos, nem findar as possibilidades analíticas que as duas obras (livro e filme) oportunizam aos interessados, mas delineiam-se algumas considerações nesse texto. A escolha pela base teórica utilizada aqui se deve ao fato de que os escritos de Bourdieu (2017) possibilitam realizar uma análise mais profunda e reconstruir as relações sócio-históricas presente na sociedade.

A obra “A Dominação Masculina: A condição feminina e a violência simbólica”, de Pierre Bourdieu (2017), aponta para uma relação de dominação que já está inscrita nos corpos, ou seja, para além das divisões sociais, ela já é um *habitus*<sup>6</sup> em estado incorporado, que organiza

---

<sup>6</sup> O autor define o *habitus* como sendo “sistema de disposições duráveis, estruturas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso sejam o produto de obediências de regras, objetivamente adaptadas a um fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro”. “[...] Cada agente, quer saiba ou não, quer queira ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo porque suas ações e suas obras são

as coisas no mundo. Essa relação é dicotômica, masculino e feminino e determina a “ordem das coisas”. Em suma, essa condição dicotômica não tem surgimento na atualidade, mas é produto de uma construção e uma “concordância entre as estruturas objetivas e as estruturas cognitivas” (BOURDIEU, 2017, p. 22).

Bourdieu (2017) analisa, portanto, como as relações sociais (mesmo aquelas vistas como “naturais”, “normais”) são inscritas na ordem da divisão dicotômica entre masculino e feminino e neutralizadas por uma visão androcêntrica. Ou seja, o homem, sob essa ótica é o “modelo” reconhecido pela sociedade patriarcal, excluindo-se, portanto, todas as vivências e experiências dos outros seres humanos, as mulheres, por exemplo. O que implica pensar na “[...]constituição da diferença a partir da delimitação da identidade [que] cria uma permanente zona de tensão e instabilidade. Essa tensão advém das redes de poder que circulam nos polos de identidade e diferença”, conforme afirma Motta (2016, p. 76). Elegem-se assim, padrões culturais considerados “corretos” e “aceitos” socialmente a partir de uma heteronormatividade, portanto, ser “branco, europeu, masculino e heterossexual” (MOTTA, 2016, p. 76).

Assim, Bourdieu (2017), inicialmente, discorre sobre todo o simbolismo criado em torno dos órgãos sexuais e divisões sociais que criaram estruturas estruturantes que permanecem em nossas estruturas cognitivas. O autor assinala que:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e feminino, especificamente entre a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho (BOURDIEU, 2017, p. 24).

Para tanto, argumenta explicitando todas as dicotomias instituídas a partir dessa divisão masculino/feminino: alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, duro/mole, claro/escuro, fora/dentro, forte/fraco etc. A mulher, é assim, vista como o oposto do masculino, algo que falta, incompleto. É sempre descrita, vista, objetificada como algo à subserviência do homem “masculino”, completo, dominante. Nas palavras do autor, “[o incesto, a traição] é correlativo da instituição da violência pela qual as mulheres são negadas como sujeitos da troca e da aliança que se instauram através delas, mas reduzindo-as à condição de objetos, ou melhor, de instrumentos simbólicos da política masculina”, ou seja, as mulheres são “instrumentos de produção ou reprodução do capital simbólico e social” (BOURDIEU, 2017, p. 67).

---

produto de um *modus operandi* do qual ele não é o produtor e do qual ele não possui o domínio consciente; as ações encerram, pois, uma ‘intenção objetiva’, como diria a escolástica, que ultrapassa sempre as intenções conscientes.” (BOURDIEU, 1994, p. 15).



As relações de dominação são, dessa forma, sutis e são elas próprias creditadas a serem (ir)reconhecidas como tal. Conforme Bourdieu (2017, p. 56): “A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante”. Muitas outras análises e problematizações são elencadas pelo autor e explicitadas através das relações na sociedade Cabília e que podem ainda ser observadas em nossa sociedade atual, refletindo esse *habitus* incorporado da dominação masculina.

**Imagem 1** - Capa do livro “A Dominação Masculina” de Pierre Bourdieu (2017).



Fonte: As autoras.

Quanto ao filme, “Je ne suis pas un Homme Facile” é uma produção francesa, traduzido para o português como “Eu Não Sou um Homem Fácil”, dirigido por Eleonore Pourriat (2018).

**Imagem 2** - Cartaz do filme “Eu Não Sou um Homem Fácil” (Título original: Je ne suis pas un Homme Facile) (2018).



Fonte: Filmow (2019). Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-263240/>. Acesso em: 06 out. 2019.

“Eu não sou um homem fácil” (2018) discorre acerca de Damien, um personagem que sofre um acidente e acaba acordando em um “mundo paralelo”. O “seu mundo”, visto como a representação da sociedade atual em que nos encontramos, é permeada por *habitus* de dominação masculina, tais quais descritos no livro de Bourdieu (2017). A divisão social dos “sexos”, da expressão e da identidade de gênero, a dicotomia masculino/feminino e todas as relações dicotômicas daí resultantes, tanto nos relacionamentos quanto no campo do trabalho e do simbólico, são representadas na narrativa fílmica.

Após o acidente, no “mundo paralelo”, as relações de dominação são totalmente opostas, quem é o dominante é o “sexo feminino”, com sua expressão e identidade de gênero feminino, mas com todas as representações da dominação masculina. Assim, o personagem Damien, ao se encontrar no “mundo paralelo”, percebe que sua expressão de gênero não é mais condizente com a sociedade. Passa então, a incarnar e incorporar (marca um *habitus* de expressão de gênero e sua sexualidade a partir de seu corpo e sua “carne”) e inculcar (marca uma mudança de *habitus* de expressão de gênero e de identidade em sua “mente”).

Assim, se percebe que o personagem principal desenvolve atos performáticos a partir do papel de gênero que (re)constrói. Com isso também ocorre a identificação com o gênero ao qual se circunscreve. Ou seja, o gênero passa a constitui-lo enquanto sujeito-agente no mundo.

Interessante ressaltar que a diretora é também atriz e, de certo modo, “pouco conhecida” até o momento. Seu nome não é ligado ao filme, como se pode fazer analogias a outros diretores, ou seja, fica em segundo plano. Outro ponto relevante é que o ator principal é um “homem” e, apesar da participação da atriz (que deveria ganhar destaque), parece também ficar em segundo plano, pois o foco seria o “masculino”, a relação de dominação masculina, mesmo quando as mulheres são as que reproduzem. Nesse interim, todas as formas de dominação observadas na manutenção da diferenciação entre os “sexos” são evidenciadas na sexualidade e na identidade e expressão de gênero dos personagens: performatividades durante o ato sexual, comportamentos evidenciados no ambiente de trabalho, locais de lazer frequentados, vestuário, língua(gem).

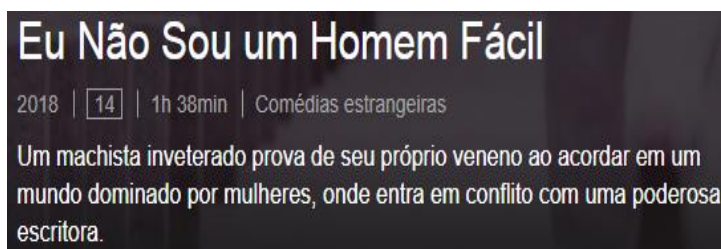
Em outro momento do filme, o personagem principal, é indagado pela sua psicoterapeuta “do mundo paralelo” se “*não há um meio termo?*”, referindo-se às relações de dominação extremas e dicotômicas entre os “sexos” experienciadas por ele. Analogamente, haveria a possibilidade de um “meio termo” nas relações de dominação problematizadas por Bourdieu (2017). Ao tornar-se consciente e dispor de mecanismos de luta contra o sistema (mecanismos que não são aqueles reflexos da própria dominação e que somente a reproduzem



ao invés de romper), conforme apontado por Bourdieu (2017), se teria a consolidação de uma sociedade, no mínimo, consciente das relações de dominação masculinas que até então eram naturalizadas pela própria violência simbólica.

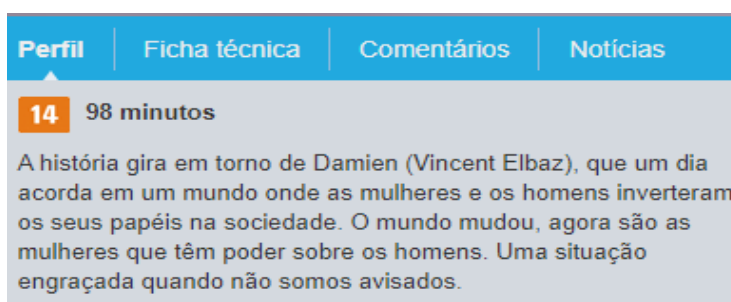
Abaixo será apresentado duas sinopses sobre o filme, a primeira encontrada no *site* Netflix, mídia social divulgadora e promotora de material audiovisual; a segunda, retirada do *site* Filmow, uma mídia social em que os “cinéfilos” ou o público em geral comentam e pontuam sobre a indústria do audiovisual. O objetivo é induzir o leitor a refletir como, apesar da narrativa fílmica pontuar acerca das relações entre a sexualidade, a (des)construção de atos performáticos de gênero e a dominação masculina como um mecanismo de violência simbólica em nossa sociedade, a mídia ainda pode (re)produzir discursos que remetem a mecanismos de manutenção dessa desigualdade.

**Imagem 3** - Sinopse do filme “Eu Não Sou um Homem Fácil” disponível na Netflix.



Fonte: Netflix<sup>7</sup> (2019).

**Imagem 4** - Sinopse do filme “Eu Não Sou um Homem Fácil” pelo *site* Filmow.



Fonte: Filmow<sup>8</sup> (2019).

Pontua-se acima como o filme é descrito nestas mídias digitais, o público ao qual se destinam e o papel que exercem simbolicamente ao descrevê-lo. Desta forma, as descrições ressaltam colocações linguísticas que são marcadas ideologicamente: “machista inveterado”, “entra em conflito com uma poderosa escritora”, “as mulheres e os homens inverteram os seus papéis na sociedade”, “uma situação engraçada”.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80175421>. Acesso em 06 out. 2019.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://filmow.com/eu-nao-sou-um-homem-facil-t244267/>. Acesso em 06 out. 2019.

É notório como as colocações linguísticas utilizadas também revelam (e reproduzem) formas de violência simbólica e de dominação masculina. Como exposto acima, os homens e as mulheres não “inverteram” seus papéis na sociedade, isso por que os papéis não são rígidos, eles dependem da identidade e da expressão de gênero, como exposta na narrativa fílmica. Além disso, Damien (personagem principal) não é “o machista inveterado”, uma vez que a dominação masculina é uma construção e, portanto, ela também é reproduzida pelas mulheres, como ocorre no “mundo paralelo”. “Inveterado”, por sua vez, é um termo que remete a algo “arraigado”, um “hábito internalizado”, “profundo”. Ao se associar os termos “machista” e “inveterado”, pode-se chegar à dedução de que o machismo é algo presente nas “entranhas” humanas e que não se poderia modificar isso facilmente na tessitura individual e social.

Contudo, assim como pontuado por Bourdieu (2017), é a partir do momento em que os indivíduos conseguem compreender os mecanismos aos quais estão reproduzindo que eles podem modificar suas atitudes, a reprodução da dominação masculina. Dessa forma,

É social e culturalmente que aprendemos alguma atribuição ou significado para as vivências, práticas e experiências sexuais. Cada grupo social e cultural constrói e recria imaginários sociais e particulares sobre a sexualidade, seu sentido, seu valor e seu papel na existência humana (MELO *et al.*, 2011, p. 41).

Ainda, é importante ressaltar como as experiências desses indivíduos são reveladas em seus enunciados: o acesso à informação, posições ideológicas, lugar de fala. Em seus dizeres, sexo e sexualidade podem se sobrepor, mas também evidenciam distanciamentos e requerem maiores detalhes sobre o processo que os levou a dizer o que disseram, como disseram e a quem disseram. A linguagem utilizada pela mídia também pode ser apenas o reflexo de uma reprodução do posicionamento do público que as acessa ou, subjetivamente, dos próprios responsáveis pelas descrições. Quanto a isto, há uma lacuna e pode ser um direcionamento para que futuras pesquisas, em diálogo com outros vieses epistemológico-teóricos, possam evidenciar os mecanismos de dominação subjacentes e invisibilizados nas descrições de filmes que se enveredam pela temática da sexualidade e da construção dos papéis de gênero em nossa sociedade.

Por fim, é necessário ressaltar o papel da inter/transdisciplinaridade para promover debates e divulgação dos estudos sobre a sexualidade, a identidade/expressão de gênero e a saúde sexual como direito humano. As interfaces possíveis entre saúde e educação permitem que as pesquisas se ampliem, assim como os artefatos culturais evoluem e se diversificam. Desse modo, compreende-se que um modo de promover e defender os direitos e deveres

individuais e coletivos seja a priorização da educação sexual. Segundo Melo *et al.* (2011, p. 38-39),

A educação [...] é um fenômeno humano e social, com todas as suas determinações, sendo também campo da ação humana. [...] toda a sociedade ou qualquer grupo social são sempre agências educadoras num permanente processo educacional. Isso porque educação não se reduz à escolarização ou à instrução, já que se entende que educar é construir redes de significações culturais e comportamentos padronizados, de acordo com os códigos sociais vigentes. Todo esse processo educativo, seja formal ou informal é sempre sexuado, já que a sexualidade é uma dimensão inseparável do existir humano. Portanto, a educação sexual, com todos seus componentes explícitos e implícitos, formais e não formais, não escapa a essa dimensão sociopolítica e cultural.

A mídia, portanto, exerce um importante papel social na manutenção ou na (des)construção de mecanismos de dominação e de violência simbólica presentes nas sociedades. Ao relatar a vida cotidiana e induzir os sujeitos-agentes a refletirem acerca de suas experiências, faz com que se tornem conscientes da reprodução desigual dos papéis que as pessoas ocupam nos campos pelos quais elas se inserem.

A educação sexual perpassa, assim, não somente aqueles conhecimentos que podem ser apresentados por uma instituição como a escola ou a universidade, mas engloba também os artefatos culturais midiaticamente (re)produzidos. É necessário, dessa forma, que narrativas fílmicas e sua divulgação midiática também seja objeto de estudo e de análise criteriosa para que mecanismos de dominação e de violência simbólica sejam desvelados.

### **Considerações finais**

O presente texto objetivou analisar a (des)construção da sexualidade e da identidade/expressão de gênero na sociedade a partir de uma discussão que entrelaçou a narrativa apresentada no filme “Eu não sou um homem fácil”, de Eleonore Pourriat e os pressupostos sociológicos de Pierre Bourdieu apresentados em sua obra “A Dominação Masculina”. Desenvolvido sob esses pressupostos, se compreende que as relações de dominação exercem mecanismos de (re)produção que pouco são percebidas pelos dominados. Elas são naturalizadas no cotidiano, (re)passadas geração após geração a partir da violência simbólica que invisibiliza as relações de desigualdades sociais.

Portanto, expor essas relações e esses mecanismos de reprodução da dominação (masculina) é fundamental para que aos poucos se desnaturalize essas convicções simbolicamente criadas. A mídia, nesse ínterim, pode tornar-se um importante mecanismo de

promoção, divulgação e defesa dos direitos humanos ao tornar acessível a todos, representações da vida social. Nessa tessitura, se observa que a inter/transdisciplinaridade é um caminho possível que permite transitar entre áreas do conhecimento de modo a ampliar o escopo de pesquisa que evoluem temáticas em torno do “sexo”, da “sexualidade” e da (des)construção da “expressão e identidade de gênero”. Além disso, infere-se que a educação sexual seja uma importante aliada entre as áreas da saúde, da educação e do cinema como forma de capacitar profissionais para compreender e atar frente às demandas sociais.

## REFERÊNCIAS

- BALLA, C. de B. **Mídia e Educação: Representações culturais de professoras e professores da educação básica.** Orientadora: Denise Rosana da Silva Moraes. 2016. 117 f. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Mestrado e Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Universidade do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2016. Disponível em: [http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2940/5/Cristiane\\_Balla\\_2016.pdf](http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2940/5/Cristiane_Balla_2016.pdf). Acesso em: 15 out. 2019.
- BOURDIEU, P. **Sociologia.** ORTIZ, R.; FERNANDES, F. (org.). São Paulo: Ática, 1994.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina: A condição feminina e a violência simbólica.** Editora: BestBolso, 2017.
- COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. S. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, p. 36-61, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03>. Acesso em: 15 out. 2019.
- FILMOW. **Eu não sou um homem fácil.** Disponível em: <https://filmow.com/eu-nao-sou-um-homem-facil-t244267>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- LOURO, G. L. A construção social das diferenças. *In*: LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, p. 57-87, 1997. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lopes-louro.pdf>. Acesso em: 06 out. 2019.
- MELO, S. M. M. de (Org), *et. al.* **Educação e sexualidade.** Caderno pedagógico. 2. ed. rev. Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011. Disponível em: [https://www.udesc.br/arquivos/cead/documentos/Caderno\\_Pedag\\_gico\\_Educa\\_o\\_e\\_Sexualidade\\_\\_CEAD\\_UDESC\\_15508548474075\\_1217.pdf](https://www.udesc.br/arquivos/cead/documentos/Caderno_Pedag_gico_Educa_o_e_Sexualidade__CEAD_UDESC_15508548474075_1217.pdf). Acesso em: 13 de out. 2019.
- MOTTA, J. I. J. Sexualidades e políticas públicas: uma abordagem queer para tempos de crise democrática. **Saúde-debate**, Rio de Janeiro, v. 40, n. spe, p. 73-86, dec. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042016000500073&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042016000500073&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 03 set. 2019.
- NETFLIX. **Eu não sou um homem fácil.** 2018. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80175421>. Acesso em: 18 jun. 2018.

OLIVEIRA, M. L. C. de O.; OLIVEIRA, S. R. N.; IGUMA, L. T. O processo de viver nos filmes: velhice, sexualidade e memória em Copacabana. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis; v. 16, n. 1, p. 157-62, jan./mar., 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n1/a20v16n1.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

POURRIAR, É. (Direção). **Je ne suis pas un homme facile**. França: Netflix, 2018. 98min.

TILIO, R. de. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **GÊNERO**, Niterói, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.125-148, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31193>. Acesso em: 07 out. 2019.

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 2009. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

WAS. WORLD ASSOCIATION FOR SEXUAL HEALTH. **Declaração dos Direitos Sexuais**. 2014. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/dedi/declaracao\\_direitos\\_sexuais.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/dedi/declaracao_direitos_sexuais.pdf). Acesso em: 06 out. 2019.

### Como referenciar este artigo

DONIDA, Lais Oliva; POTTMEIER, Sandra. Discussões entrelaçadas: a sexualidade e a (des)construção de identidade e expressão de gênero. **Temas em Educ. e Saúde**, Araraquara, v. 15, n. 2, p. 204-2016, jul./dez., 2019. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.26673/tes.v15i2.13048>

**Submetido em:** 30/03/2019

**Revisões requeridas:** 25/04/2019

**Aprovado em:** 30/05/2019

**Publicado em:** 30/07/2019